



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Tayane Dias Gomes Pessoa

# **As Representações Sociais do Jovem Universitário sobre o Acadêmico**

BRASÍLIA –DF

2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Tayane Dias Gomes Pessoa

**As Representações Sociais do Jovem Universitário sobre o  
Acadêmico**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a conclusão do curso de graduação em pedagogia.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Zélia Borba Rocha

BRASÍLIA-DF, JULHO DE 2011

Tayane Dias Gomes Pessoa

**As Representações Sociais do Jovem Universitário sobre o Acadêmico**

Monografia apresentada e aprovada pela Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a conclusão do curso de graduação em pedagogia.

Orientador (a): Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria Zélia Borba Rocha

Brasília, julho de 2011.

Banca Examinadora

---

Prof.Dr.<sup>a</sup> Maria Zélia Borba Rocha  
Orientador (a)

---

Prof. Examinador

---

Prof. Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, essa força superior, sem a qual eu certamente não teria prosseguido em minha trajetória acadêmica.

Agradeço à minha mãe, uma mulher forte e corajosa, que me proporcionou todas as condições para que eu pudesse me dedicar exclusivamente à universidade.

Agradeço à professora Dra. Maria Zélia Borba Rocha, por ter me oferecido os subsídios necessários, durante os quase três anos em que fui sua aluna, à formulação deste trabalho.

Meus agradecimentos ao querido mestre Bráulio Tarcísio Porto de Mattos, por compartilhar comigo seus conhecimentos e sua sabedoria. Sem suas indicações, conselhos e paciência este trabalho não seria possível.

Agradeço aos meus queridos amigos e colegas do REJUGES, Aline, Cristianne, Cíntia, Gorque, Nathália, Simone e Leticia por suas infinitas contribuições e amizade. Obrigada por terem partilhado comigo seu crescimento intelectual e pessoal. Minha vida acadêmica jamais teria sido a mesma sem vocês.

Um agradecimento especial a minha querida amiga e também colega de REJUGES, Alessandra Werneck, que, pacientemente, me ajudou na elaboração deste trabalho e exerceu a função de “psicóloga acadêmica”.

Agradeço aos meus queridos amigos Pedro, Thays e Mariana Xavier pelo carinho, apoio nos momentos difíceis e disponibilidade em compartilhar comigo seus conhecimentos acadêmicos e humanos.

Agradeço as minhas amigas Letícia Bazaga e Ana Gabriela Pinheiro pela amizade eterna e incondicional. Vocês foram e continuarão sendo parte essencial de minha trajetória.

Agradeço à minha segunda mãe, Tia Gláucia e à minha prima Beta pelo acalento de seu lar nos momentos difíceis.

Meu agradecimento à professora Gabriela Coutinho Barreto, por ter partilhado comigo sua turma, sua experiências profissionais e pessoais e sua amizade.

Agradeço ao meu querido mestre Célio Cunha, por todo o aprendizado que me proporcionou e por sua generosidade.

Agradeço às professoras Rosângela Azevedo Corrêa, Carmenísia Jacobina Aires, Maria Lídia Bueno Fernandes e ao professor José Vieira de Sousa por serem, para mim, exemplos de profissionais éticos e humanos.

Agradeço aos meus colegas do Movimento Estudantil de Pedagogia, por terem me proporcionado uma formação política e humana.

Por fim, agradeço ao meu querido Raphael Pequeno, pelo amor, carinho, amizade, paciência e pelas infinitas vezes que me ajudou em minhas angústias acadêmicas e pessoais. Obrigada por estar sempre ao meu lado, por não me deixar desistir e por nunca ter deixado de acreditar em meu potencial. A você, o meu amor e a minha gratidão.

*À minha querida professora Erika Zimmermann (in memoriam), que soube, como ninguém, o verdadeiro sentido de educar.*

## SUMÁRIO

**I – Memorial**

**II – Monografia: Representações Sociais da Juventude sobre o Acadêmico**

<b>1. Fundamentação teórica .....</b>	<b>03</b>
1.1 Representações sociais .....	03
1.2 Juventude.....	11
1.3 Os Acadêmicos .....	14

1.4 Ideologia .....	19
<b>2. Métodos e técnicas utilizados .....</b>	<b>20</b>
2.1 Apresentação do estudo .....	20
2.2 Delimitação do universo de pesquisa .....	22
2.3 O método de pesquisa .....	22
2.4 A hipótese da pesquisa .....	23
2.4 O instrumento de pesquisa .....	23
<b>3. O Perfil da juventude pesquisada e a análise dos dados .....</b>	<b>25</b>
3.1 Dados gerais.....	25
3.2 Dados sobre a influência ideológica .....	37
<b>Conclusão .....</b>	<b>35</b>
<b>Referências .....</b>	<b>37</b>
<b>4. Anexos.....</b>	<b>41</b>
4.1 Questionário .....	41

## **MEMORIAL**

Nasci em Luziânia-GO, em uma família de classe média. Meu ingresso em uma instituição de ensino deu-se aos dois anos e meio de idade. Instituição essa na qual permaneci até completar quatro anos. Dali em diante, passei por diversas escolas, permanecendo em média dois anos em cada uma delas.

No final do ano de 2005 concluí o ensino médio e no ano seguinte ingressei em um curso pré-vestibular onde permaneci por um ano. No primeiro semestre de 2007 ingressei no curso de direito em uma instituição de ensino privada. Passei no vestibular da Universidade de Brasília no semestre seguinte para o curso de pedagogia e acabei optando por cursar essas duas graduações simultaneamente.

Ao longo do curso de pedagogia, percebi que este não correspondia às minhas expectativas iniciais. Pensei em trancá-lo ou mudar de curso. Contudo, no segundo semestre, fui aluna da professora Dr.<sup>a</sup> Maria Zélia Borba Rocha na disciplina de Organização da Educação Brasileira (OEB) e, ao saber que ela iria abrir uma turma de projeto 3, acabei optando por permanecer no curso e me matricular no projeto por

ela oferecido. Ao longo do semestre, eu e os outros integrantes do grupo tivemos que escolher um objeto de estudo e eu acabei optando pela violência escolar, uma vez que, além de ter sido vítima desta ao longo de toda a minha vida escolar, ela se constituía em um tema bastante difundido pelos meios de comunicação de massa naquele momento, apesar de não se constituir em um dos principais assuntos abordados nas disciplinas obrigatórias e optativas do curso de pedagogia.

# **MONOGRAFIA**

## **Representações Sociais da Juventude sobre o Acadêmico.**

## INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é a influência ideológica e tem os seguintes objetivos: descobrir se os professores universitários exercem algum tipo de influência ideológica sobre os jovens universitários e qual a representação social desses sobre esses docentes. Tem-se como pressuposição básica a idéia de que os jovens são influenciados e que tem consciência disso.

Dessa forma, realizou-se uma pesquisa a respeito da imagem dos jovens sobre seus professores universitários. Esse trabalho faz parte do projeto de pesquisa Representações Sociais, Juventude e Gestão da Educação, grupo que desenvolve pesquisas de cunho sociológico e educacional e que abarca diversos objetos de estudo que envolvem o fenômeno das representações sociais e da juventude, tais como: o professor, a violência escolar, a gestão democrática, a indústria cultural, o projeto político pedagógico, a identidade nacional e a participação política.

A pesquisa foi realizada na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, devido o interesse de se trabalhar com jovens universitários e pelo fato de a Faculdade oferecer uma delimitação espacial que propicia uma maior organização à pesquisa, pois concentra, em um único espaço, o segundo maior número de estudantes regularmente matriculados da universidade, portanto os mesmos tornam-se de mais fácil acesso.

O instrumento de pesquisa consistiu em um questionário misto, composto por questões gerais, de cunho socioeconômico e outras relativas especificamente ao objeto de estudo.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro traz os conceitos centrais do estudo: representações sociais, juventude, os acadêmicos e a ideologia e tem como arcabouço teórico central os estudos de Émile Durkheim e Serge Moscovici.

O segundo capítulo apresenta os métodos e técnicas utilizados na pesquisa, fazendo uma apresentação do estudo, delimitação do universo de pesquisa, o método de pesquisa, a hipótese, e o instrumento de pesquisa.

O terceiro e último capítulo oferece uma análise dos dados coletados, bem como perfil da juventude pesquisada.

Por fim, são apresentadas as conclusões do estudo, com base na hipótese levantada e nos objetivos da pesquisa.

Este trabalho representa a tentativa de entendimento de apenas uma das múltiplas facetas que envolvem a relação professor-aluno, seus desdobramentos e suas relações de poder.

## CAPÍTULO 1

### 1. Fundamentação teórica

#### 1.1 Representações Sociais

O processo de aquisição do conhecimento delineou-se das mais diversas formas, ao longo da história da humanidade. Trata-se de uma ação interativa e portanto social, nas quais os sujeitos que dela participam estabelecem reações entre si. Através desse processo de interação, os indivíduos transmitem e assimilam conhecimentos, trocam idéias, expressam opiniões, compartilham experiências, manifestam suas formas de ver e conceber o mundo e veiculam valores que norteiam suas vidas e ações. A construção do conhecimento é, portanto, um processo interpessoal, edificado por meio da criação coletiva. Mas como se dá o processo pelo qual os sujeitos apreendem e assimilam o mundo que os circunda?

Considerando-se que não se pode compreender o ser humano fora de sua prática social, busca-se uma explicação através do estudo das representações sociais, considerando-se que *“As representações são [...] produzidas pelas ações e reações trocadas entre as consciências elementares que constituem a sociedade.”* (DURKHEIM, 1994, p. 41). Afinal, as representações sociais são uma espécie de

organização do conhecimento, através da qual os indivíduos compreendem a realidade.

Para Durkheim, as representações coletivas são, essencialmente, fatos sociais, pensamentos coletivos construídos ao longo do tempo, através dos quais os indivíduos, os grupos e as instituições expressam os pensamentos de uma época, ou seja, a imagem que determinado fenômeno tem para determinado grupo social, em determinada época. Essas representações nascem das relações sociais, das conexões que os indivíduos estabelecem entre si, dos laços sociais criados a partir das instituições nos quais os indivíduos estão inseridos. Os estudos do sociólogo caracterizam-se, principalmente, por considerarem os aspectos sociais e coletivos indissociáveis ao comportamento individual dos sujeitos, pois os fenômenos sociais são pré-existentes aos sujeitos.

Essencialmente, as representações coletivas e as representações sociais são equivalentes, no entanto uma particularidade as diferencia – as representações coletivas foram instituídas por Durkheim com base em suas análises sobre as sociedades primitivas, com as quais o sociólogo estabeleceu analogias para explicar os fenômenos sociais e comportamentais da sociedade moderna, pois “Em suma, analogia é uma forma legítima da comparação e a comparação é o único meio prático de que dispomos para tornar as coisas inteligíveis.” (DURKHEIM, 2007, p. 09). Dessa forma, a diferenciação dos conceitos estabelecidos por Moscovici e por Durkheim reside, basicamente, nos fenômenos sob os quais os dois autores se debruçaram. Segundo Durkheim, o estudo das sociedades primitivas foi feito por motivos estritamente metodológicos, pois sua real intenção era estabelecer conexões entre essas sociedades primitivas e a sociedade moderna, ou seja, através do estudo desses povos e de suas práticas procurava-se encontrar o substrato que deu origem e que continua a plasmar as relações sociais contemporâneas.

A Durkheim interessava descobrir como o conhecimento do senso comum é produzido, como funciona o processo através do qual os indivíduos passam a ter uma imagem/conceituação sobre determinado fenômeno, como as tradições são concebidas, ou seja, como as representações são criadas e perpetuadas. Para

Moscovici, o estudo das sociedades primitivas já não contemplava a análise de novos fenômenos, que necessitavam de um estudo mais aprofundado e pautado nas relações modernas através das quais foram concebidos, portanto, para o autor, os estudos de Durkheim já não eram suficientes para explicar o surgimento de novas representações, por isso a ruptura com o termo cunhado pelo sociólogo se fazia imprescindível, dada a nova abordagem relativa ao mesmo. *“As representações sociais perdem, então, o substrato associado com representações coletivas para se tornarem, de certo modo, um fenômeno concreto e observável.”* (MOSCOVICI, 2007, p. 202).

Para que se possa ter um entendimento orgânico e qualitativo do presente trabalho, deve-se deixar claro que o fenômeno das representações sociais, aqui estudado, será feito com base na abordagem teórico-sociológica durkheimiana, tendo em vista que a mesma oferece substratos mais condizentes com a análise do objeto de estudo deste trabalho.

Para Durkheim, pensar sobre determinado fenômeno, pressupõe pensar, necessariamente, as dimensões sociais, políticas, econômicas, históricas, ambientais e culturais que o compõem, bem como as contradições que envolvem essas dimensões. Analisar os aspectos que compõem a rede de conhecimentos e costumes com os quais os indivíduos se identificam é, portanto, imprescindível para que se possa caracterizá-los enquanto sujeitos sócio-históricos. É necessário, primeiramente, que se estabeleça questionamentos, a partir das impressões comuns, o porquê de determinada concepção sobre algo ser como é. Como essa concepção foi construída? Quais histórias são intrínsecas à própria composição dessa concepção? Se situar no mundo requer fazer uma alternância entre o macro e o micro. O autor se propôs a analisar a sociedade contemporânea a partir aspectos mais peculiares das sociedades primitivas, como se essa estrutura menor fosse apenas uma parcela representativa de situações em larga escala.

As representações sociais são um conjunto de opiniões, crenças e valores construído a partir de relações sociais diferentes. No entanto, essas representações não são individuais, elas se constituem e se caracterizam, principalmente, por seu caráter coletivo. Uma opinião pessoal sobre determinado fenômeno cultural, por

exemplo, não se configura como uma representação social; o que se expressa através da opinião pessoal, sim, é uma representação social, seja ela advinda de determinada instituição religiosa, partido político, grupo social etc. Isso significa que, subjacente às opiniões dos indivíduos existem representações que foram constituídas ao longo do tempo, por meio das relações que se estabelece na vida social. Essa representação se constitui através de um longo processo, no qual as instituições exercem papel primordial.

Deve-se esclarecer que as representações, o pensamento coletivo, não consistem ou se resumem à soma de pensamentos individuais. Indivíduos, sozinhos, não produzem representações sociais. As representações são fruto da consciência coletiva, da percepção que os diversos grupos constroem ao longo do tempo. Dessa forma, a percepção que os indivíduos têm sobre determinado objeto é fruto de uma construção coletiva e não unicamente de sua consciência individual. Portanto, não é possível discorrer sobre as representações coletivas a partir de uma perspectiva individualista.

As relações sociais cotidianas são, ao mesmo tempo, o território no qual as representações são assimiladas mentalmente e também são fruto dessas representações.

As representações sociais possibilitam que os sujeitos interpretem o mundo e orientem suas atitudes e perspectivas, que não significa que qualquer opinião ou preceito do senso comum se constitua como representação social. As representações requerem tempo para que consolidarem e se constituírem como tais.

É que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos que determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das idéias compartilhadas pelos grupos e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas. (MOSCOVICI *apud* CRUSOÉ, 2007, p. 108).

As representações são, em si, um conhecimento do senso comum. Uma espécie de opinião generalizada, que pode ou não ter base no conhecimento científico. Dessa

forma, o estudo das representações sociais caracteriza-se por realizar uma espécie de leitura do senso comum, de seu conhecimento.

Cabe o questionamento de como as representações sociais são criadas e como se dá a aquisição do novo e não-familiar pelos sujeitos.

A construção das representações sociais abrange, dois processos constitutivos básicos: a ancoragem e a objetivação. Ambos se constituem como elementos imprescindíveis ao processo de criação e solidificação das representações.

De acordo com Moscovici, o processo de objetivação “... *une a idéia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade.*” (MOSCOVICI, 2007, p. 71). Portanto, trata-se de um processo através do qual transforma-se algo abstrato em uma imagem com qual passa-se a relacionar um fenômeno ou um objeto.

Podem-se listar inúmeras/incontáveis situações cotidianas para exemplificar o processo de objetivação. Um universitário pode entender de forma abstrata o fenômeno do totemismo, mas assim que associa o mesmo à imagem de um totem - uma pedra ou um objeto esculpido em madeira, por exemplo, esse fenômeno passa a se configurar em seu sistema cognitivo de forma concreta. Possivelmente ele passará a associar a imagem ao fenômeno quando o mesmo for mencionado.

Aquilo que pode, a princípio, ser entendido como algo intangível passa a adquirir características palpáveis, pelo fato de se concretizar por meio de um objeto que passa a simbolizar um fenômeno, um objeto, uma coisa, um acontecimento etc. A objetivação trata-se, portanto, da concretização de determinado conceito. Intrínseco ao processo de objetivação está a associação de imagens. Um fenômeno abstrato só se tornará real através da associação do mesmo a uma imagem.

Essas imagens ou figuras se originam de um reservatório que se caracteriza, principalmente, por sua flexibilidade, já que as imagens acopladas nos sistemas cognitivos podem ser substituídas por outras, de acordo com as experiências vivenciadas e a formação de novos laços sociais e culturais ao longo da vida. Esse reservatório de imagens é chamado de Núcleo Figurativo.

A forma como os indivíduos objetivam determinado conceito, objeto ou fenômeno depende, necessariamente, dos sistemas de valores e crenças nos quais estão inseridos. Ou seja, as imagens alocadas no sistema cognitivo e, indispensáveis ao processo, estão vinculadas ao acesso que cada indivíduo tem a diferentes meios sociais e bens culturais.

A ancoragem caracteriza-se como um processo por meio do qual se incorpora algo estranho a um conjunto de categorias familiares, ou seja, transforma-se algo não familiar em algo familiar. “*Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa.*” (MOSCOVICI, 2007, p. 61).

Quando um indivíduo se depara com algo que lhe é estranho, que normalmente não faz parte de seu universo conceitual, valorativo, lingüístico, cultural e comportamental, ele procura uma forma de classificá-lo, de atribuir-lhe um valor significativo próprio e intransferível. Ou seja, deseja-se enquadrar o desconhecido em categorias que são próprias dos indivíduos. Portanto, associa-se o estranho às representações já consolidadas nos indivíduos e dessa forma atribui-se características ao objeto desconhecido de acordo com as experiências e imagens pré-existentes.

Logo, as representações sociais são uma espécie de construção social, concebidas para que os sujeitos entendam o mundo e se comuniquem entre si, através dos laços que os unem. Dessa forma, as representações somente podem ser entendidas a partir da “... *dinâmica das interações sociais...*” (MOSCOVICI *apud* CRUSOÉ, 2007, p. 109), na qual existe sempre uma confluência entre sujeitos e objetos, por meio da comunicação entre ambos.

As representações sociais se fazem impossíveis sem o uso da comunicação como forma de instrumento para o surgimento e propagação das mesmas. Moscovici estabeleceu três principais etapas de comunicação e três modelos de circulação do conhecimento imprescindíveis às representações, baseadas nas propagandas de alguns meios de comunicação de massa franceses.

A primeira delas diz respeito às várias áreas a que se pode associar um termo, desde ciência a uma terapia. A segunda mostra como algumas restrições podem dar sentidos específicos à palavra, é possível dar um significado diferente a um termo se o colocarmos acompanhado de outro, ou se nunca o usarmos acompanhado de determinada palavra. A terceira etapa consiste na hierarquização através da qual os termos são organizados. Dependendo da forma como os termos são colocados, têm-se a impressão de que um tem mais valor que o outro. Essas etapas demonstram como a propaganda consegue dar sentidos restritos às palavras e como a linguagem tem um papel fundamental na formação das representações.

Três modelos de circulação do conhecimento foram propostos, são eles: difusão através do contágio, propagação da idéias através da imitação e o modo da conformidade. Moscovici elaborou o quarto modelo, o da comunicação. Este modelo pressupõe que o conhecimento circula através das relações humanas. Primeiro o “novo” conhecimento será partilhado por uma minoria, que o difunde, fazendo-o chegar à grande maioria. Esse grupo trará a nova idéia para o conjunto de suas relações sociais, colocando-o como centro de seus debates, quando essa idéia se tornar algo inerente a essa sociedade, tem-se uma nova representação social. A partir desta premissa Moscovici afirma que as idéias passadas pela minoria, não são necessariamente, isentas de opiniões pessoais e juízos de valor, pois sempre há algo de persuasivo por traz da comunicação.

Dessa forma o autor delimita duas direções, pelas quais o conhecimento é transformado: a inovação, na qual o conhecimento se encaminha da ciência para o senso comum e a conservação, na qual é feito o caminho oposto, ou seja, o senso comum vai em direção à ciência.

No presente estudo, trabalhar-se-á com o seguinte conceito de representações sociais – são fenômenos, entidades sociais, conjuntos de valores e processos que expressam formas de compreender objetos específicos. Elas representam a realidade *sui generis* da vida cotidiana e através da linguagem e da alocação de imagens exprimem crenças, valores, interpretações do real, regras e idéias situadas em diferentes contextos, épocas e espaços sociais. As representações são, ao mesmo tempo, fruto da ação social dos sujeitos e o instrumento prescritivo pelo qual

os mesmos orientam suas condutas. Dessa forma, “... *sob a força de uma proteção sui generis; esta força intensa, inteligente e moral, resultado da coalizão de todas as forças individuais, é aquela capaz de neutralizar as energias cegas (ininteligentes e amorais) da natureza: esta força é a força coletiva*” (DURKHEIM, 1994, p. 84) que constroem identidades, orientam e justificam condutas, constituem mentalidades e propagam crenças.

Todas as grandes idéias acerca do mundo não foram criadas de forma imediata, todas tiveram elementos extraídos de idéias primárias, que vão sendo gradativamente aperfeiçoadas. A idéia de originalidade, portanto, é duvidosa. Existem “idéias-fonte”, que seriam caracterizadas pelos discursos, e a partir delas seriam geradas argumentações que dariam origem às representações. Os temas sustentam as representações. As representações, portanto, não possuem uma origem certa, mas têm como base uma trajetória icônica e lingüística.

As representações sociais se estabelecem de duas formas. Primeiramente elas estabelecem uma espécie de conceito para as coisas, os fenômenos e as pessoas, formando padrões que nos induzem a relacionar os mesmos a outros elementos e características por nós já conhecidas. As representações também permeiam toda nossa vida. As coisas, os fenômenos e os objetos são feitos de idéias, conceitos e informações que encontramos prontos ao nascermos. O mundo já existe independente de nossa experiência nele. Uma parte ou mesmo todas as “novas idéias” que temos, já foram previamente pensadas e instituídas.

Moscovici nos lembra que tudo gira em torno das interações sociais, que o mundo se constitui através delas e, portanto através das comunicações que as desenvolvem. O pensamento então seria fruto dessas interações, mas não totalmente, porque recebemos sim influências sociais diretas ou indiretas, no entanto nossos pensamentos são previamente analisados e, mesmo que inconscientemente, moldados por nós. Associamos e representamos ao nosso modo, de acordo com nossas representações: conceitos, imagens, objetivos, fundamentos, divergências, enfim tudo aquilo que vivenciamos se fixa em nossa estrutura psíquica, tornando-se um mecanismo do nosso corpo. Segundo o autor nós enxergamos aquilo que associamos a padrões já existentes dentro de nós, através do condicionamento.

Fundamentalmente contamos para nós mesmos uma história de como o mundo exterior é. As informações que processamos no ambiente são sempre um reflexo das experiências que tivemos e de certa forma, são respostas emocionais àquilo que estamos vivenciando.

No entanto, se tomarmos como guia a história, poderá presumir que muitas das coisas que acreditamos como verdades absolutas sobre o mundo podem ser falsas. Estamos presos a certos preceitos e não nos damos conta disto. Ou seja, tudo está diretamente relacionado às representações que temos das coisas que nos cercam.

## **1.2 Juventude**

Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que construímos não somente nossa vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós mesmos e a cultura a qual pertencemos. Com o passar do tempo diversos conceitos vão sendo modificados com base nessa experiência coletiva, fundamental para o surgimento, para a consolidação e transformação dos vários fenômenos e conceitos que permeiam a vida social. A juventude, enquanto conceito, adquiriu vários contornos e características advindas das transformações sociais e do advento das novas tecnologias de comunicação que permeiam a vida moderna.

Quando se estabelece um retrospecto histórico sobre os diversos papéis sociais atribuídos ao jovens ao longo da história, percebe-se que, geralmente, os mesmos eram reconhecidos de forma secundária diante dos demais grupos sociais. No entanto, assim, como a faixa etária que estabelecia quem eram os jovens nas sociedades antigas, o reconhecimento do papel social dos mesmos também sofreu alterações com o passar do tempo. De acordo com Abramo:

Juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. [...] No entanto, quase se busca precisar um pouco mais o próprio termo, as dificuldades aparecem, e todo o seu aspecto impreciso e escorregadio toma relevo. (ABRAMO, 2008, p 37).

Na idade Média, as delimitações etárias eram estabelecidas de acordo com as instituições nas quais os indivíduos estavam inseridos. Essas delimitações estavam diretamente ligadas aos papéis sociais dos sujeitos. Ter determinada idade, nos mais diversos meios, implicava ter uma função específica na sociedade. A juventude desse período se caracterizava, principalmente, por uma divisão clara entre dois grupos de maior destaque: a juventude aristocrata, na qual estavam inclusos os escudeiros e cavaleiros e que se subdividia em duas classes etárias: os adolescentes e os adultos jovens; o segundo grupo era aquele relativo aos jovens bíblicos, os anjos e os santos, dada a onipresença da igreja católica na Idade Média, este grupo era o mais difundido.

Ainda durante o período conhecido como idade das trevas, os jovens eram retratados em todas as gravuras e pinturas com pouco destaque, de forma que sua imagem fosse sempre retratada de forma menor que os outros indivíduos, sempre ao fundo ou às margens. Essa situação exemplifica a representação que a sociedade medieval tinha de seus jovens: indivíduos de pouca importância social, transgressores e mundanos, que se deixavam levar facilmente pelos arroubos próprios da idade. Todos os aspectos acima citados destacam o papel da juventude em determinado tempo e espaço histórico e exemplificam como a relação da juventude com os demais grupos sociais adquiriram novas características e constituições diversas com o passar do tempo. O jovem contemporâneo já não possui as mesmas perspectivas, anseios e papéis que outrora lhe foram atribuídos. Sua relação com a sociedade e sua importância na mesma se configura como uma das mudanças mais latentes a serem estudadas.

Faz-se praticamente impossível estabelecer uma imagem única da juventude contemporânea, uma figura que sirva de parâmetro para entender o comportamento dos jovens e suas representações. A grande dificuldade em se instituir uma única imagem da juventude reside, principalmente, na própria delimitação do que vem a ser juventude.

O termo juventude corresponde a construções sociais, históricas, culturais e relacionais, portanto adquiriu diferentes conotações ao longo do tempo. Dessa

forma, a referência à juventude deve levar em consideração o retrospecto histórico que a compõe e a imprecisão conceitual do termo.

Em geral, costuma-se conceituar e delimitar a juventude através da faixa etária, ou seja, utiliza-se uma espécie de limite biológico para identificar uma etapa da vida, no entanto a mesma não pode ser desvinculada dos aspectos culturais e sociais que a compõem. Portanto hoje, diante dos diversos nuances e da multiplicidade de particularidades que caracterizam os jovens, acredita-se que hoje devemos falar em “juventudes” e não mais em uma única juventude.

Na sociedade contemporânea a juventude já não reduz seu significado a uma condição biológica ou a um período intermediário entre a infância e a vida adulta. O conceito de juventude hoje representa, acima de tudo, uma significação cultural.

A juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade. Revela-se pelo modelo da condição juvenil um apelo mais geral: o direito de retroceder ao relógio da vida, tornando provisórias as decisões profissionais e existenciais, para dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos instrumentais. (MELUCCI, 1997, p. 13)

Sobrepõe-se às definições relativas à idade, o modo peculiar como o jovem contemporâneo se auto-identifica e procura reconhecimento social. Não se trata de uma mera redefinição da faixa etária que compõe esse grupo social.

A juventude passa a se caracterizar como uma condição ou estilo de vida. Características essas que vem sendo constantemente modificadas com a mesma rapidez com que são concebidas e propagadas através dos meios de comunicação próprios a esses jovens – as redes sociais, criadas na rede mundial de computadores .

O próprio surgimento de novos meios de divulgação de sua condição juvenil, de seus anseios, práticas, gostos e necessidades ganha novos contornos, pois representam um rompimento informal, porém constante, com os meios de comunicação de massa que, a priori, definiam e caracterizavam esses jovens, mas que hoje já enfrentam percalços para acompanhá-los em sua vasta gama de

significações. Trata-se de um novo fenômeno – a juventude se coloca em movimento, ainda que de forma fragmentada e inconsciente, por sua própria significação.

Os estudos sobre juventude têm adquirido crescente destaque no cenário acadêmico brasileiro. As abordagens relativas a essa temática são tratadas sob correntes teóricas e pontos de vista diversos.

Os atuais estudos sobre juventude se pautam, principalmente, nesse emergente e constante conjunto de transformações que caracterizam a juventude moderna. Isso se deve ao fato de que se faz necessária uma compreensão mais abrangente do vasto universo de referências desse grupo social. Procura-se, dessa forma, apresentar análises atuais sobre a juventude brasileira sob diversos aspectos, que vão de dimensões como a educação até a sexualidade.

Considerando o que foi exposto anteriormente, sobre as diversas faces da juventude contemporânea, ou “juventudes”, devido ao alto grau de complexidades e transformações que caracterizam tal fase da vida, utilizar-se-á, nesse estudo, estritamente por motivos metodológicos, uma definição institucional etária para a juventude, situada entre os 15 e os 24 anos de idade.

Para o presente estudo trabalhar-se-á com a seguinte conceituação de juventude: trata-se de um termo que designa uma condição biológica e social de indivíduos geralmente situados na faixa etária dos 15 ao 29 anos de idade. A juventude se caracteriza por se situar entre as etapas da infância e da vida adulta e por ser uma etapa do ciclo de vida na qual as relações de dimensão “... *peçoal e social, como sexualidade, trabalho participação cultural e política etc.*” ABRAMO, 2008, p. 43) se delineiam e começam a exercer um papel fundamental na percepção de mundo dos indivíduos. É uma característica cultural marcada pela mudança e transitoriedade no que concerne às decisões que pautarão a vida futura. Consiste em um segmento social que pode ser entendido e significado cronológica, sociológica e psicologicamente. O desenvolvimento desse período da vida se caracteriza por uma sucessão de experiências psíquicas e sociais que, num processo de separação e

individualização possibilita a aquisição da consciência da própria identidade social e cultural.

### **1.3 Os Acadêmicos**

A atividade educativa configura-se por seus espaços ocupados por diferentes instituições, que atuam a serviço da sociedade, portanto, conhecer e analisar as práticas intrínsecas ao espaço acadêmico é fundamental para o desenvolvimento de ações que visem à prática educativa em seu conjunto.

De acordo com Aragón (2000) os grupos sociais que atuam na educação superior adquirem formas e maneiras particulares de estruturação e interação, tanto em seu interior como com os outros atores que participam deste nível educacional, assim como seu ambiente político e social. Os acadêmicos compõem um grupo social imprescindível à constituição e desenvolvimento das instituições de ensino superior e por sua produção e transmissão de seu principal elemento identificador: o conhecimento.

Para que se possa ter uma compreensão orgânica que possibilite entender a atualidade da educação superior e seus processos de constituição, no Brasil, é imprescindível que se conheça as práticas e características desse grupo de atores sociais.

As diferentes profissões se estabelecem, justamente, por intermédio de práticas sociais constantes através das quais os grupos se constituem e passam a se diferenciar uns dos outros. Essa distinção se dá por meio da formação de conhecimentos que são próprios de cada categoria profissional. Sobre esse aspecto, Rocha ressalta que *“Os clássicos apontam a profissão acadêmica como portadora de uma especificidade que a distingue das demais: o seu manuseio, a sua prática cotidiana e sistemática como uma atividade muito peculiar que é a produção e difusão do conhecimento.”* (ROCHA, 2000, p. 207).

Os estudos sobre esse grupo profissional começaram a adquirir certa relevância a partir da década de 1980, quando estudiosos como Pierre Bourdieu e Burton Clark se debruçaram sobre as práticas dos acadêmicos e lançaram estudos pioneiros sobre esses profissionais. No entanto, pesquisas empíricas eram escassas e ainda hoje não se estabeleceram como uma prática recorrente na área educacional.

No Brasil, os estudos de Balbachevsky e Schwartzman, como “*A profissão acadêmica no Brasil*”, da década de 1990, se destacam como exemplos de pesquisas empíricas que oferecem uma visão mais ampla sobre a prática docente nas instituições de ensino superior.

Um estudo precursor, que traça um amplo panorama da profissão acadêmica na América Latina foi desenvolvido por Aragón, Oliveira, e Schmidt (2000), organizadores do seminário internacional “A universidade, o ensino superior e a ciência & tecnologia no Brasil e América Latina: problemas, soluções e perspectivas” realizado na Universidade de Brasília, no ano 2000, que resultou no livro “Entre Escombros e Alternativas: Ensino Superior na América Latina”.

O campo acadêmico se caracteriza por apresentar culturas distintas que estão relacionadas diretamente a formação e a área de atuação dos acadêmicos nas IES, o que reafirma a proposição de Clark (1992) de que a profissão acadêmica é fragmentada pela disciplina, ou seja, pela área do conhecimento em que cada docente se especializa. Desta forma, as práticas, opiniões e posicionamentos dos docentes de ensino superior variam e se estabelecem de acordo com sua pertença à determinada área do conhecimento.

De acordo com Aragón (2000), é indispensável, para o estudo da profissão acadêmica, que se considere a junção de três fatores centrais – o ambiente acadêmico, a cultura da instituição e a cultura de cada disciplina. Esses três fatores se interligam e estabelecem laços de pertença entre os acadêmicos e suas instituições. Cada instituição de ensino superior tem um conjunto de práticas próprias.

Essa cultura e a estrutura organizacional da instituição são reflexos do contexto social do local onde essas instituições se situam. A universidade de Brasília, por exemplo, situada no centro do poder político e lugar com maior índice de desenvolvimento humano do país possui um contexto diferenciado, que influencia não só as práticas, mas a própria identidade, estratégias e envolvimento profissionais dos acadêmicos para com seu meio.

Há que se considerar ainda que estruturas organizacionais distintas produzem culturas diferentes no meio acadêmico e estas identidades diferenciadas que proporcionam visões e atuações díspares a respeito da mesma prática. (ROCHA, 2000, p. 215)

Os acadêmicos possuem quatro funções centrais que os caracterizam, independentemente da área do conhecimento a qual se dedicam ou a da instituição com a qual estão vinculados e que se fundamentam nos três pilares centrais das universidades públicas: ensino, pesquisa e extensão. As principais atribuições dos acadêmicos são a docência, a pesquisa, a extensão e as funções administrativas.

Enquanto docente, o acadêmico caracteriza-se pela formação humana e intelectual de novos profissionais, através de um processo contínuo de trocas de conhecimento e é responsável por uma carga mínima de horas/aula, que podem ser cumpridas na graduação ou na pós-graduação, que requerem planejamento e metodologias próprias.

Na função de pesquisador, o professor universitário destaca-se como produtor e difusor de conhecimento, à medida que o fruto de suas pesquisas, na área do conhecimento de sua escolha, deve garantir certo retorno social, que representa a publicação de resultados para a comunidade acadêmica e normalmente, para os envolvidos no processo de pesquisa, tais como equipe participante da coleta de dados e sujeitos estudados.

A atividade de extensão refere-se à função de disseminar o conhecimento produzido internamente, à comunidade na qual está inserida, sob diferenciadas formas, como cursos e oficinas. Portanto, funciona como um mecanismo de acesso ao conhecimento produzido nas universidades.

A função administrativa, também inerente à prática acadêmica, representa o envolvimento dos docentes em processos administrativos previstos nos estatutos e regimentos das universidades, tais como elaboração de documentos oficiais da instituição e análise de processos administrativos internos.

Balachevsky (2000) enfatiza que o sistema de ensino superior brasileiro possui três sub-culturas acadêmicas: a do professor-pesquisador, a do professor-docente voltado para o mercado não-acadêmico e a do professor-docente voltado prioritariamente para o ensino.

A primeira sub-cultura, a do professor pesquisador, é assim definida pelo critério de produtividade acadêmica. O papel de docente é secundário, pois esse acadêmico tende a se dedicar mais às pesquisas as quais se dedica e com o fruto das mesmas: artigos e trabalhos publicados em revistas especializadas, periódicos, revistas eletrônicas e, conseqüentemente, o prestígio que essa produtividade, em termos quantitativos e qualitativos, lhe garante. Essa cultura está relacionada, majoritariamente, a professores doutores e pós-doutores, que exercem suas atividades em instituições com alto prestígio acadêmico.

A segunda sub-cultura, a do professor docente voltado para o mercado não-acadêmico, diz respeito ao acadêmico que exerce, prioritariamente, atividades educacionais não voltadas para as instituições com as quais estão vinculados, ou seja, a dedicação ao ensino superior é uma atividade complementar, tanto em termos econômicos quanto de prestígio social. Nesse caso, o acadêmico se dedica a atividades extra-acadêmicas como consultoria e elaboração de documentos oficiais e, quando no espaço universitário, tem como prioridade a docência, em detrimento da pesquisa e da extensão.

A última sub-cultura acadêmica, a do professor-docente está relacionada ao acadêmico que se dedica integralmente ao ensino, portanto a docência é a principal característica de sua identidade profissional. Esse perfil profissional geralmente está associado a docentes com baixa titulação, portanto, que não possuem doutorado. É comum, em instituições com alto prestígio social, que esses acadêmicos sejam,

pouco a pouco, incorporados a uma dinâmica e a uma pressão social que demanda titulações cada mais elevadas, para que eles se incorporem a outra sub-cultura, a do professor-pesquisador.

A cultura acadêmica se encontra, hoje, sob uma transitoriedade constante no que tange seus valores e atribuições, devido à profusão de instituições de ensino superior que se pautam sobre perspectivas sociais, humanas e econômicas diversas, mas seu valor central, que pressupõe a dedicação à produção e propagação do conhecimento, permanecerá.

#### **1.4 A Ideologia**

A palavra ideologia adquiriu vários significados e contornos sociais e políticos desde sua criação, no século XVII, pelo filósofo e político francês Destutt de Tracy, que a designava com o sentido de Ciência das Idéias. De acordo com Norberto Bobbio:

Tanto na linguagem política prática, como na linguagem filosófica, sociológica e político-científica, não existe talvez nenhuma outra palavra que possa ser comparada à Ideologia pela frequência com a qual é empregada e, sobretudo, pela gama de significados diferentes que lhe são atribuídos. (2000, p. 740)

Na concepção marxista, o termo ideologia designa uma representação ilusória da realidade, é o conjunto das falsas idéias que levam os indivíduos a pensarem e agirem de acordo com os interesses das classes dominantes. Portanto, de acordo com Marx, a principal função da ideologia é camuflar, esconder os conflitos e a real diferença de interesses das classes, presentes na sociedade, propiciando, assim, a continuidade do processo de dominação das classes trabalhadoras pelas classes hegemônicas.

Pode-se afirmar que, hoje, existem múltiplos significados e entendimentos relacionados ao termo ideologia, que neste trabalho será entendida como: um conjunto de crenças, opiniões e idéias relativos a todo e qualquer objeto de discussão e que adquire contornos próprios, a partir de valores construídos social e individualmente. Portanto, a ideologia se configura como uma organização do

conhecimento que orienta as práticas dos sujeitos sociais. Dessa forma, entende-se que cada indivíduo pode seguir uma ideologia, um conjunto de valores que o auxilia a tomar decisões em sua vida.

Por conseguinte, considera-se, a coexistência de várias ideologias na sociedade contemporânea, pois entende-se que esta é permeada por múltiplas concepções de mundo, que servem como substrato para a união de pessoas e grupos que defendem interesses e causas comuns.

Considerar-se-á, então, a expressão influência ideológica, objeto das análises finais da presente pesquisa como o processo através do qual um indivíduo ou um grupo interfere nas idéias e comportamentos de outros indivíduos, na tentativa de fazê-los partilhar de seus valores e crenças, de sua concepção de mundo.

## **CAPÍTULO 2**

### **2. Métodos e técnicas utilizados**

#### **2.1 Apresentação do estudo**

O presente estudo se configura como uma pesquisa na área educacional, desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa Representações Sociais, Juventude e Gestão da Educação (REJUGES), sob coordenação da professora Dra. Maria Zélia Borba Rocha, com o objetivo de identificar as representações sociais dos alunos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília sobre seus professores universitários. O objetivo deste capítulo é descrever o percurso realizado durante a pesquisa. Como enfatizado anteriormente, as representações sociais são entendidas aqui como um conjunto de opiniões, crenças e valores construído a partir de relações sociais.

Privilegiou-se a abordagem do tipo quantitativa, como norteadora no processo de coleta e interpretação de dados, por sua adequação aos objetivos propostos,

considerando-se que a captação das representações sociais, foco do presente estudo, requer informações que só podem ser diretamente visualizadas a partir de uma massa de dados que permita o estabelecimento de relações entre diversos aspectos e variáveis de estudo.

A pesquisa quantitativa mostra-se apropriado, no presente estudo, por possibilitar o recolhimento de inferências a partir da amostra da população pesquisada, tornando-se, dessa forma, forte em termos de validade externa, ou seja, de veracidade, uma vez que os resultados obtidos e apresentados ao final deste trabalho, serão generalizáveis para o conjunto da comunidade para qual o estudo foi direcionado.

Moreira assim define a validade: *“A validade constitui, tal como a definição consagra, não uma propriedade dos instrumentos em si, nem mesmo dos seus resultados [...] mas sim da relação entre os resultados e algo que os transcende: uma inferência ou uma ação.”* (MOREIRA, 2004, p. 331)

De acordo com Gatti (2004), a tradição da pesquisa educacional no Brasil tem como uma de suas principais características o uso inexpressivo de dados quantitativos. Desta forma, os estudos voltados para os fenômenos educacionais que fazem uso desses instrumentais analíticos tornam-se cada vez mais escassos. No entanto, existem fenômenos educacionais e sociais que para serem contextualizados, analisados e entendidos, requerem uma qualificação por meio de dados quantitativos.

A importância da abordagem quantitativa neste estudo, justifica-se por suas características próprias de análise, em que a fonte de dados, no caso o universitário em seu ambiente de estudo, constitui-se em elemento central da obtenção de dados.

Desta forma, os métodos quantitativos de análise são recursos que auxiliam o pesquisador no estudo de determinados fenômenos, mas que tem como pressuposto básico não apenas o domínio da técnica instrumental, como principalmente o domínio das teorias e conhecimentos epistemológicos inerentes ao objeto estudado.

A esse respeito, considera-se que os estudos de Gatti (2004) tornam-se pertinentes à medida que nos trazem como reflexão a seguinte análise “*O significado dos resultados é dado pelo pesquisador em função de seu estofo teórico.*” (GATTI, 2004, p. 13).

Procurou-se executar, na primeira fase da pesquisa, uma revisão bibliográfica, buscando levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender e explicar o objeto de investigação. Desta forma, foram reunidos dados de fontes diversas, tais como livros, artigos, periódicos, e revistas eletrônicas, que abordassem a temática em foco. De acordo com Koche, a pesquisa bibliográfica:

[...] se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros e congêneres. Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o objeto de investigação. (KOCHE, 1997, p. 122).

## **2.2 Delimitação do universo de pesquisa**

O universo de pesquisa escolhido para a realização da pesquisa foi a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Localizada na Asa Norte de Brasília, área nobre do Plano Piloto, a Faculdade de Educação representa um marco na história da Universidade de Brasília, pois ali foram construídos seus primeiros prédios, onde funcionavam todos os cursos da universidade, bem como os setores administrativos, incluindo a reitoria, na década de 1960.

Concebida através dos planos originais de Anísio Teixeira e de Darcy Ribeiro, um dos fundadores e idealizadores da Universidade de Brasília, a Faculdade de Educação consagrou-se como precursora ao oferecer, em 1994, o primeiro curso

noturno de graduação da universidade. Atende, hoje, alunos do curso de Pedagogia e alunos dos cursos de todas as licenciaturas da universidade.

Além da graduação, a Faculdade de Educação oferece cursos *lato e stricto sensu* através do Programa de Pós-Graduação em Educação.

### **2.3 O método de pesquisa**

Utilizou-se o método hipotético-dedutivo, que caracteriza como um procedimento através do qual procura-se evidências empíricas que falseiem ou corroborem as hipóteses que norteiam a pesquisa, com o intuito de elencar novos conhecimentos sobre determinado assunto.

### **2.4 A hipótese da pesquisa**

A hipótese central desta pesquisa é: os jovens universitários são influenciados ideologicamente por seus professores acadêmicos.

### **2.5 O instrumento de pesquisa**

Para o desenvolvimento da pesquisa empírica, utilizou-se o questionário estruturado, como técnica de coleta de dados, sobretudo pelo entendimento que através dele o pesquisador colhe informações a partir de questões previamente analisadas de acordo com sua pertinência e relevância para o estudo do objeto a ser investigado. Sobre isso, Richardson destaca:

Antes de o pesquisador elaborar o questionário, deve ter bem quais os tipos de informação que deseja saber. Poderá estar interessado em saber algo sobre o que uma pessoa sabe, acredita ou espera, sente ou deseja presente ou faz ou fez, e sobre suas explicações, razões de todos os atos procedentes.  
(RICHARDSON, 1985, p. 234)

Por intermédio da coleta de dados procurou-se priorizar não somente a quantidade de dados estatísticos referentes ao objeto de estudo, mas principalmente a compreensão do fenômeno em toda sua complexidade, através da interpretação de seu significado como eixo central de desenvolvimento do estudo.

De acordo com Moreira, os questionários podem ser entendidos como “[...] instrumentos de avaliação, concebidos para detectar relações entre variáveis e diferenças entre grupos.” (MOREIRA, 2004, p. 15).

Os questionários (anexo) são compostos por 49 itens abertos e fechados, que abrangem questões diferenciadas, de modo a coletar o maior número de informações possíveis sobre o fenômeno estudado.

O primeiro bloco procura capturar o perfil da população investigada, por intermédio de questões relativas ao sexo, idade, estado civil, cor/raça, orientação sexual, grau de escolaridade e profissão dos pais, renda familiar, religião, local de moradia, tipo de moradia, quantidade de aparelhos eletrônicos disponíveis, vínculos empregatícios, turno em que frequenta a universidade, forma de ingresso e auxílio de bolsas oferecidas pela universidade.

O segundo bloco é relativo ao objeto de estudo em si, a influência ideológica do acadêmico sobre o universitário. Portanto, foram levantadas questões que trouxessem, da forma mais detalhada possível, as percepções que os alunos da Faculdade de Educação têm sobre ideologia e seus mestres acadêmicos. Foram levantadas questões relativas às atribuições do acadêmico; às opiniões pessoais expressas em sala de aula; a juízos de valor relativos a pessoas comuns, vida, sexualidade, religião, política, governo, igrejas, partidos políticos, meios de comunicação de massa, personagens históricas, universidade, faculdades privadas e políticas; à sugestão de voto expressa pelos acadêmicos; participação política; à influência das opiniões dos acadêmicos para tomada de decisões na vida pessoal dos estudantes; ao tipo de influencia exercida pelos acadêmicos e à diferenciação entre discussão política e doutrinação ideológica.

Foram aplicados 242 questionários estruturados com questões abertas e fechadas aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, entre os meses de outubro e novembro de 2010. O curso contava com 1025 alunos regulares matriculados no segundo semestre de 2010, sendo 655 do curso diurno e 370 do noturno, dessa forma a amostragem representa cerca de 23,60 % do total de alunos matriculados.

As turmas nas quais ocorreram as coletas de dados foram escolhidas com base no seguinte procedimento metodológico: primeiramente decidiu-se que os questionários seriam aplicados a estudantes ingressantes e concluintes do curso de Pedagogia, com o intuito de estabelecer comparações sobre o objeto de estudo, segundo as respostas de ambos. Através da análise da listagem de fluxo do curso de Pedagogia, decidiu-se que os alunos ingressantes seriam representados, na amostragem, através das turmas de disciplinas obrigatórias de 1º e 2º semestres e, conseqüentemente, os concluintes o seriam por meio das turmas de disciplinas obrigatórias do 7º e 8º semestres. Através de sorteio, as turmas escolhidas foram as das disciplinas de Antropologia e Educação, Perspectiva do Desenvolvimento Humano, ambas do 1º semestre e as turmas de Avaliação das Organizações Educativas e Filosofia da Educação, a primeira do 8º semestre e a segunda do 7º semestre.

Utilizou-se uma amostragem não probabilística por cotas, ou seja, houve uma classificação da população a ser estudada (ingressantes e concluintes), com base e sua relevância para o fenômeno estudado. Entendeu-se que, os estudantes calouros e formandos são expostos a graus diferenciados de influência, portanto, fazia-se imprescindível descobrir e analisar as representações de ambos os grupos, para obter uma visão mais ampla e contundente do fenômeno estudado.

A amostragem incluiu duas turmas de cada uma das disciplinas acima citadas, de forma a abranger os estudantes dos turnos noturno e diurno, de todos os sexos, orientações sexuais, políticas, raciais e étnicas.

Após contato feito com antecedência pela autora do presente trabalho e sua orientadora com os professores que ministram as disciplinas escolhidas e, subsidiados pela extensa produção bibliográfica consultada a respeito dos trâmites éticos e comportamentais que envolvem o processo de aplicação de instrumentos de coleta de dados, onze pesquisadores, membros do grupo de pesquisa REJUGES procederam à aplicação dos questionários, com sucesso, em todas as turmas.

## CAPÍTULO 3

### 3. O Perfil da população pesquisada e a análise dos dados

#### 3.1 Dados gerais – perfil da população

Como ressaltado anteriormente, o presente trabalho contou com uma amostragem de 242 estudantes, dentre os quais 198 eram do sexo feminino, representando 81,82% da população pesquisada e 44 do sexo masculino, representando 18,18%.

Quanto ao curso, 91,32% dos respondentes eram estudantes de Pedagogia e 8,68% eram estudantes de outros cursos.

Com relação ao turno 51,24% dos alunos exerciam suas atividades acadêmicas no turno diurno; 27,27% no noturno e 21,49% de ambos os turnos.

Quanto à forma de ingresso na Universidade de Brasília, 70,54% ingressaram por intermédio do vestibular; 13,69% pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS); 8,71% através de cotas para negros; 4,56% por meio de transferência facultativa e 2,49% por intermédio de transferência obrigatória.

Com relação à faixa etária, 10,42% dos respondentes, à época da pesquisa, tinham mais de 17 anos de idade; 4,17% tinham 18 anos e 85% tinham mais de 18 anos de idade, um dos alunos pesquisados não revelou sua idade.

Quanto ao estado civil, 5,17% se declararam amigos ou juntados; 12,40% casados; 1,65% separados ou divorciados e 80,58% solteiros.

Com relação à raça ou cor, 41,32 % da população se declarou branca; 36,36% parda; 15,70% negra; 4,55% amarela, 1,24% indígena e 0,83% não declaram sua raça ou cor.

Quanto à orientação sexual, 95,04% dos estudantes se declararam heterossexuais; 2,89% bissexuais e 2,07 homossexuais.

No que diz respeito à escolaridade da mãe, 26,14% afirmaram que elas possuem ensino médio completo; 22,41% ensino superior completo; 16,18% ensino fundamental incompleto; 11,20% pós-graduação completa; 7,05% ensino fundamental completo; 7,05% ensino médio incompleto; 5,81% ensino superior incompleto; 2,07% não-letradas ou analfabetas; 1,66% pós-graduação incompleta e 0,41% não responderam a questão.

Quanto à escolaridade do pai, 25,31% responderam que eles possuem ensino médio completo; 21,16% ensino superior completo; 14,52% ensino fundamental incompleto; 9,13% ensino fundamental completo; 9,13% ensino superior incompleto; 7,88% pós-graduação completa; 7,05% ensino médio incompleto; 2,07 % não-letrados ou analfabetos; 1,24 % pós-graduação incompleta e 2,49 % não responderam a questão.

No que diz respeito à renda familiar, 63,90% dos estudantes pesquisados afirmaram que a renda de suas famílias é de cinco salários mínimos ou mais; 23,24% mais de dois e menos de quatro salários mínimos; 11,20% mais de um e menos de dois salários mínimos e 1,66% dos pesquisados não responderam a questão.

Ressalta-se que 87,97% dos estudantes pesquisados não possuem filhos e 12,03 possuem filhos.

Com relação à religião, 39,83% dos pesquisados se declararam católicos; 28,22% evangélicos; 14,09% não têm religião; 10,79% espíritas; 4,98% outras religiões que não foram citadas no questionário; 0,83% religiões de matrizes africanas e 0,41 não responderam a questão.

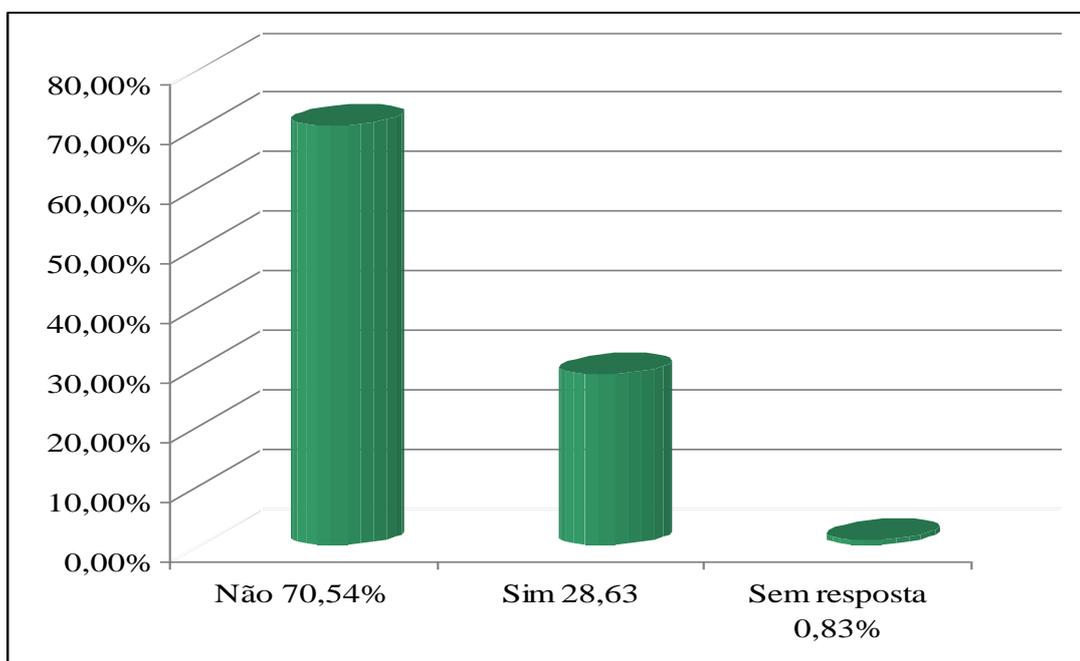
Com relação ao exercício de atividades remuneradas, 39,83% não exercem atividades remuneradas; 26,97% possuem emprego; 15,77% fazem estágio; 4,98% realizam trabalhos esporádicos, popularmente conhecidos como “bicos”; 4,98% exercem outras atividades remuneradas não citadas no questionário; 4,56% realizam a atividade de pesquisa acadêmica e 2,49% são autônomos.

Com base nos dados descritos anteriormente, o perfil majoritário do(a) estudante respondente da pesquisa é: jovem acima de 18 anos de idade, do sexo feminino, estudante do curso de Pedagogia, ingresso na universidade por meio do vestibular tradicional, solteiro, branco, heterossexual, possui pais com alta escolaridade, tem renda familiar equivalente ou superior a cinco salários mínimos, não possui filhos, é católico, pertence a uma família biparental e exerce algum tipo de atividade remunerada.

### 3.2 Dados sobre a influência ideológica

Quando perguntados sobre a diferença entre discussão política e doutrinação ideológica, 70,54% dos jovens pesquisados responderam que sabem não sabem a diferença; 28,63% disseram saber a diferença e 0,83 não responderam.

**Gráfico 1- Diferença entre discussão política e doutrinação ideológica**



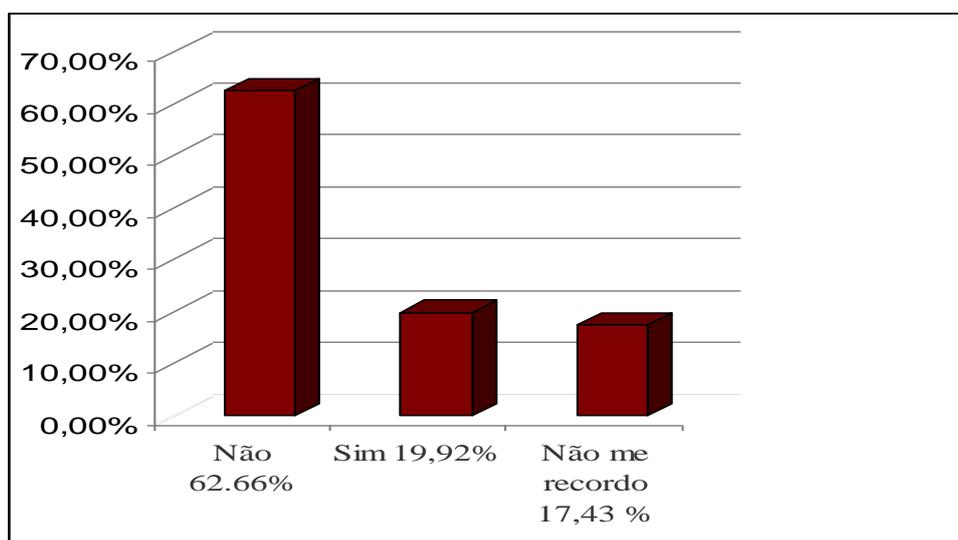
Quando instigados a responder a questão seguinte, onde deveriam explicar a diferença entre discussão política e doutrinação ideológica, muitos dos jovens que disseram saber a diferença não souberam ou preferiram não explicá-la. Dentre os respondentes, a maioria destacou que a discussão política se caracteriza como um debate, no qual as diferentes opiniões e visões são contempladas, para que cada

indivíduo chegue às suas próprias conclusões com relação ao objeto de discussão. Alguns exemplos das respostas sobre o que seria discussão política, na visão dos respondentes: *“Discussão política são diálogos não-tendenciosos, direcionados ao esclarecimento, à conscientização política”, “ Discussão política é um diálogo entre opiniões divergentes”, “ A discussão permite uma pluralidade de idéias, sem imposição de uma única”, “ Discussão política é quando as pessoas falam sobre o assunto respeitando a opinião do outro”.*

Sobre doutrinação ideológica, a maioria da população pesquisada chegou respondeu que se trata de um fenômeno no qual há uma imposição de idéias em detrimento de outras, muitos citaram as expressões “lavagem cerebral” “imposição de idéias” e “dominação”. Alguns exemplos retirados do instrumento de coleta de dados: *“A doutrinação vislumbra converter as opiniões do sujeito em uma única verdade”, “ Doutrinação é a imposição de determinada ideologia, semo respeito das demais idéias”, “ Doutrinação ideológica é a dominação de maneira explícita ou implícita(oculta)”.*

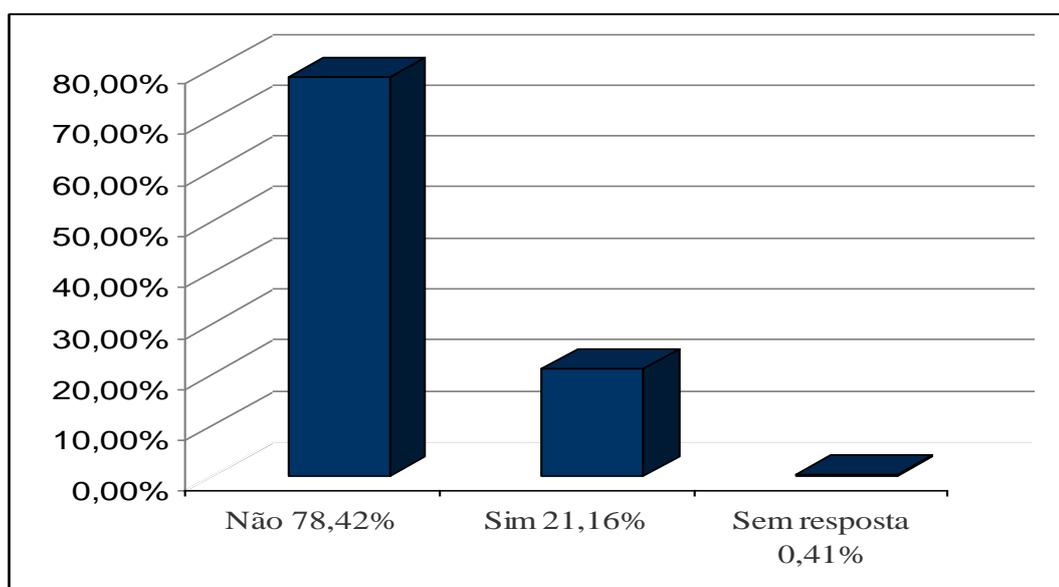
Quando questionados se os professores universitários já sugeriram em quem deveriam votar, 62,66% da população responderam que não, 19,92% que sim e 17,43% não se lembravam.

**Gráfico 2 – Seus professores universitários já sugeriram em quem os alunos deveriam votar?**



Essas respostas vêm se reafirmar, de certo modo, quando questionados posteriormente se os professores universitários já exerceram alguma influência sobre sua participação política. A maioria, 78,42% respondeu que os professores não exerceram qualquer influência sobre sua participação política, portanto os jovens relacionam diretamente o voto à participação política e deduz-se que, se não houve sugestão sobre em quem deveriam votar, então não houve influência direta sobre sua participação.

**Gráfico 3 – Seus professores universitários exercem ou já exerceram alguma influência sobre sua participação política?**

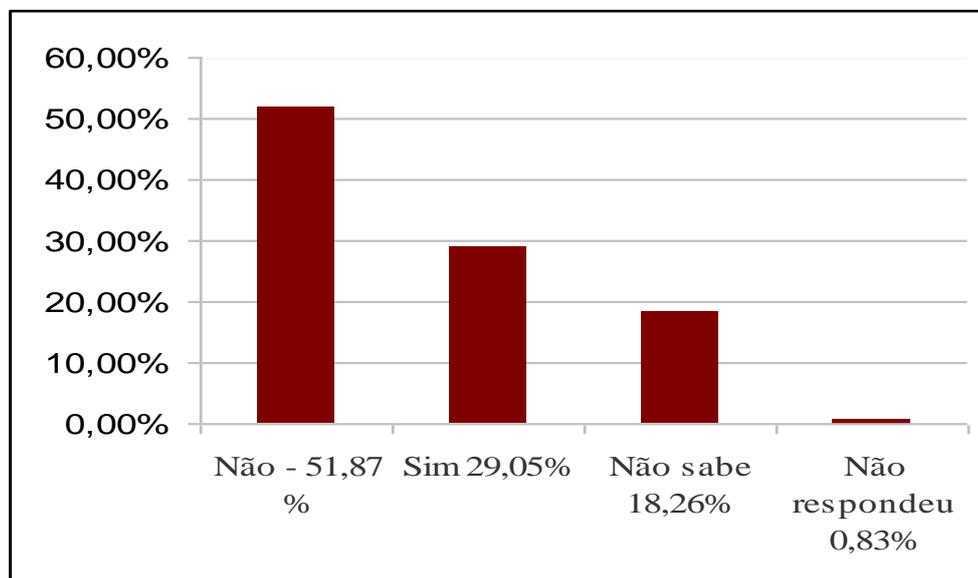


Quando questionados se achavam correto algum professor ministrar aulas portando camisetas, botons ou adesivos de partidos políticos, 51,87% da população responderam que não; 29,05% que sim; 18,26% não sabiam responder e 0,83% não responderam a questão.

Quando convidados a explicar o porquê de acharem correto ou não o uso de objetos que denotassem a opção política do professor, houve respostas como: “ *Sim, porque ele tem o direito de expressar sua opinião, desde que não use a aula para isso*”, “ *Porque tal atitude é capaz de constranger os estudantes. O ambiente universitário deve ser favorável às discussões esclarecedoras ao invés das imposições*

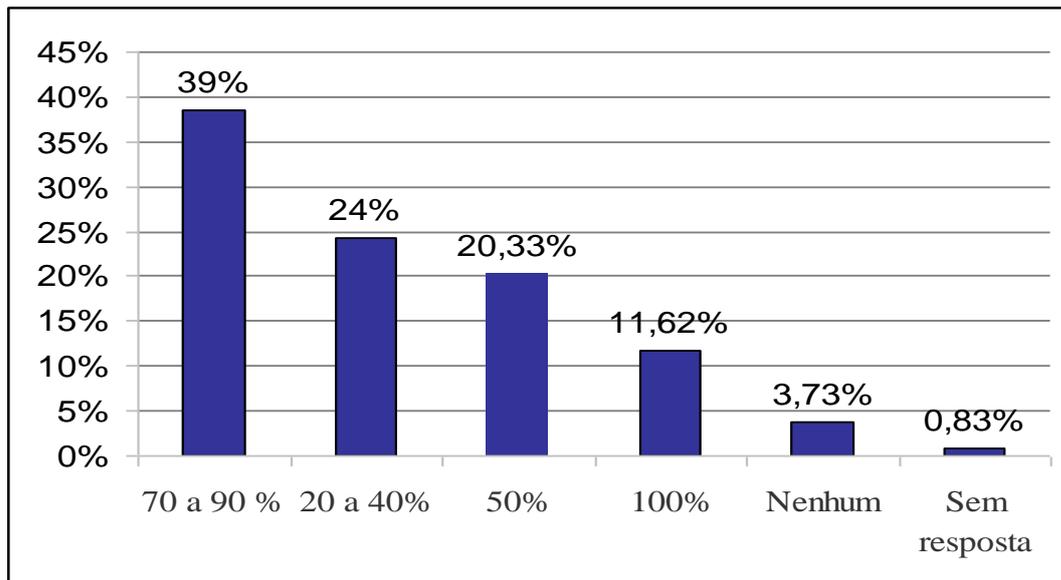
ideológicas”, “ Ele tem o direito de externalizar sua orientação política. O que não concordo é que ele imponha sua orientação”.

**Gráfico 4 – você acha certo algum professor ministrar aulas portando camisetas, botons ou adesivos de partidos políticos?**



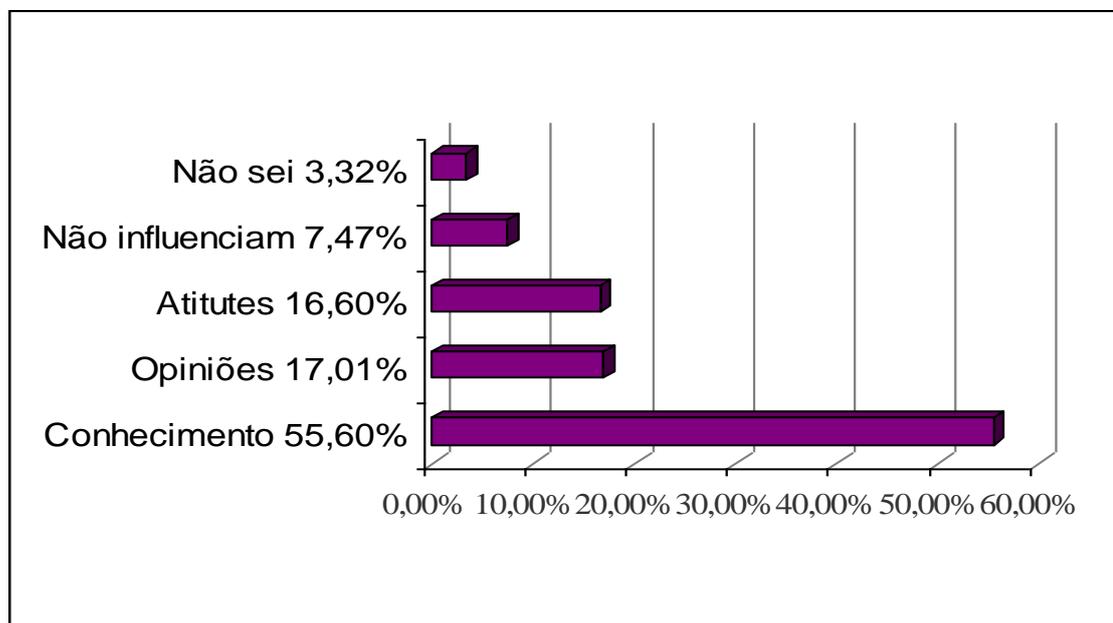
Quando questionados se seus professores costumavam emitir opiniões pessoais em sala de aula, 39% afirmaram que 70 a 90% dos professores costumavam emitir opiniões pessoais em sala de aula; 24% responderam que de 20 a 40% dos professores costumavam emitir opiniões pessoais em sala de aula; 20,33% afirmavam que 50% dos professores costumavam emitir opiniões pessoais em sala de aula; 11,62% responderam que 100% dos professores costumavam emitir opiniões pessoais em sala de aula; 3,73% afirmaram que nenhum professor costuma emitir opiniões pessoais em sala de aula e 0,83% não responderam a questão.

**Gráfico 5 – Seus professores universitários costumam emitir opiniões pessoais em sala de aula?**



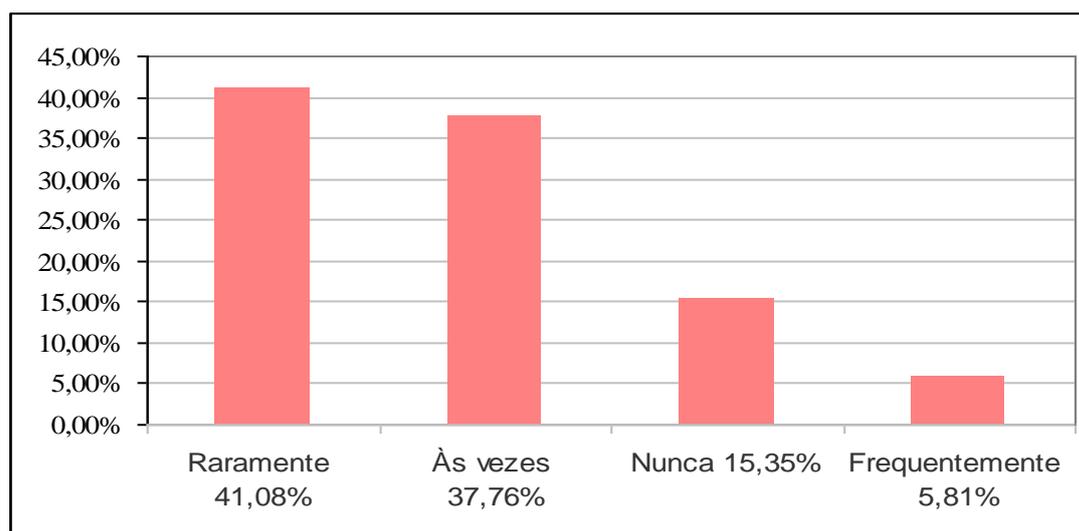
Quanto questionados sobre a forma como os professores universitários os influenciavam, 55,60% responderam que a influência ocorria por intermédio do conhecimento; 17,01% por meio de suas opiniões; 16,60% através de suas atitudes; 7,47% disseram que os professores não os influenciam e 3,32% não souberam responder a questão.

**Gráfico 6 – Como você acha que seus professores universitários te influenciam?**



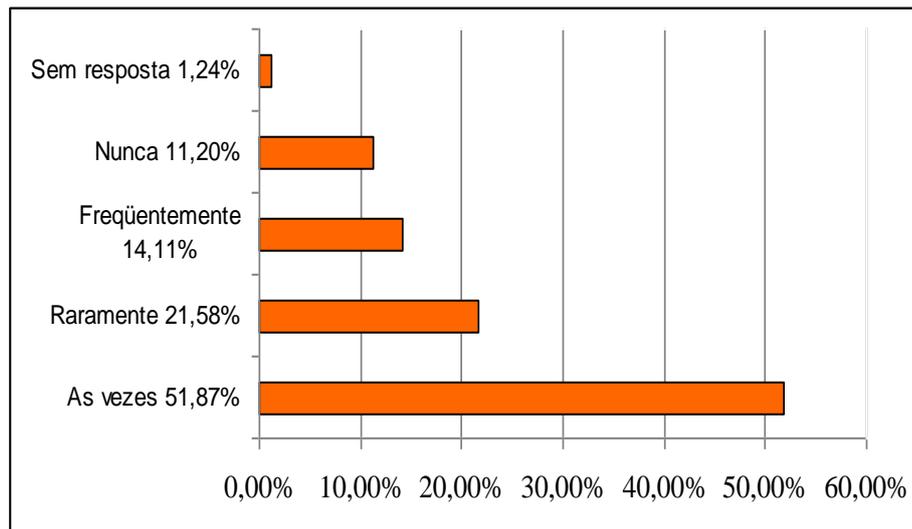
Quando perguntados se costumam levar em conta as opiniões dos professores para tomar atitudes sobre sua vida pessoal, 41,08 da população responderam que raramente; 37,76 que às vezes; 15,35 que nunca as consideram e 5,81% que as freqüentemente as consideram.

**Gráfico 7 – Você costuma considerar a opinião de seus professores universitários para tomar decisões em sua vida pessoal?**



Quando questionados se costumam levar em conta as opiniões dos professores para tomar atitudes sobre sua vida profissional, 51,87% responderam que às vezes consideram; 21,58% que raramente; 14,11% que freqüentemente; 11,20 que nunca e 1,24% não responderam a questão.

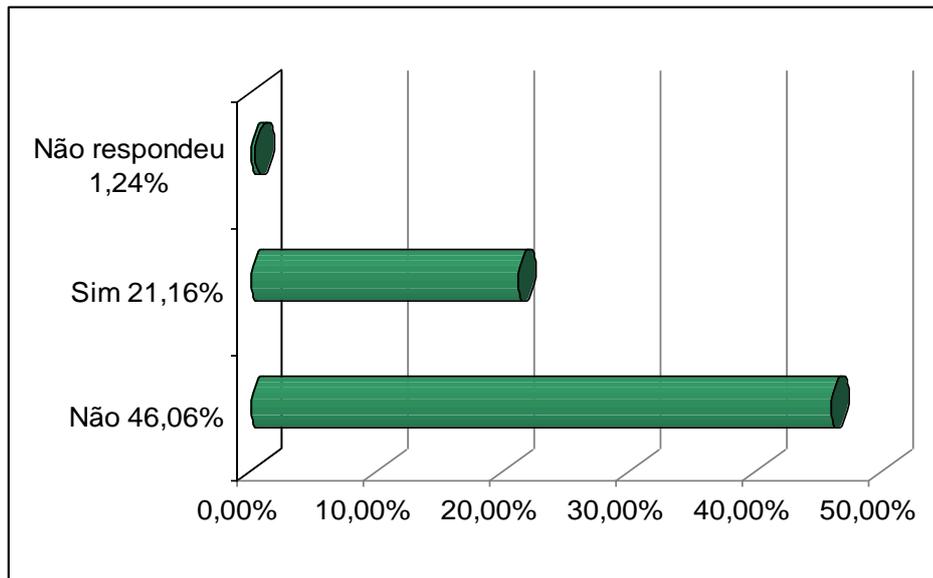
**Gráfico 8 – Você costuma considerar a opinião de seus professores universitários para tomar decisões em sua vida profissional?**



Quando perguntados se sabiam a diferença entre análise e opinião pessoal, 46,06% afirmaram que não sabiam; 21,16% sabiam e 1,24% não responderam. Quando convidados a explicar a diferença, a maioria dos estudantes relacionou opinião pessoal a uma visão parcial sobre os fenômenos e objetos, ou seja, a leitura de mundo, as percepções que cada indivíduo possui. Alguns exemplos de respostas: *“Opinião é algo extremamente parcial, vai da ótica de mundo da pessoa”*; *“ a opinião pessoal não é embasada em conhecimento científico, é o que você acha de algo”*; *“ Opinião pessoal é um julgamento feito por alguém sobre algo a partir de suas experiências individuais e crenças sedimentadas”*.

Com relação à conceituação de análise, as respostas apontam um consenso entre os pesquisados de que a análise deve ser sempre imparcial, baseada em critérios lógicos e embasada em conhecimentos científicos a cerca de determinado objeto. Exemplos de algumas respostas: *“Análise é um parecer acerca de algo, a partir de critérios pré-estabelecidos e lógicos”*; *“ Análise é uma avaliação desprovida de qualquer opinião pessoal e sim baseada em no conhecimento científico”*; *“ Análise é uma avaliação imparcial de algo, mesmo que não esteja de acordo com sua opinião pessoal”*

**Gráfico 9- Você sabe a diferença entre análise e opinião pessoal?**



## Conclusão

Apesar da baixa porcentagem no que diz respeito à influência dos professores para a tomada de decisões em suas vidas pessoais, a pesquisa mostra que esses universitários consideram suas opiniões para a tomada de decisões em suas vidas profissionais e que, como os próprios pesquisados relataram, são influenciados por seus conhecimentos (55,06%), opiniões (17,01) e atitudes (16,60), uma pequena parcela afirmou que não é influenciada por seus professores (7,47%). Conclui-se que os jovens pesquisados não sabem o que é doutrinação ideológica (70,54%), e não sabem diferenciar análise de opinião pessoal (46,06%), pois, apesar da pequena parcela que disse saber, comprova-se o contrário quando se analisa as respostas descritivas, nas quais uma parcela ínfima soube, efetivamente, expor argumentos consistentes. Portanto, pode-se afirmar que os jovens universitários são influenciados ideologicamente por seus professores universitários, sabem que são influenciados, tem consciência disso, mas não sabem delimitar a forma como se dá o fenômeno e a que tipo de influência, especificamente, estão expostos.

Dessa forma, um dos objetivos do presente trabalho foi alcançado, descobriu-se que os jovens pesquisados são influenciados ideologicamente por seus professores e a hipótese central pôde ser confirmada. No entanto, a captura das representações sociais dos jovens universitários sobre os acadêmicos não foi possível, devido a

baixa quantidade de informações relevantes para tal análise, coletadas no instrumento de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil no Brasil contemporâneo. In: **Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-78.

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação. Revista da Anped**. São Paulo, n. 5-6, 1997.

ARAGÓN, Virgilio Alvarez. La Profesion Acadêmica en Brasil: em Caso de la Universidad de Brasília. In: **Entre Escombros e Alternativas: Ensino Superior na América Latina**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 179-204.

BALBACHEVSKY, Elizabeth. A profissão acadêmica no Brasil: condições atuais e perspectivas para o futuro. In: **Entre Escombros e Alternativas: Ensino Superior na América Latina**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 139-154.

BOBBIO, Norberto *et al.* **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 584-596.

BOUDON, Raymond. Dicionário crítico de sociologia. Sao paulo: Editora Ática, 1993, p. 275-280.

CLARK, Burton. **El Sistema de Educación Superior: Una Visión Comparativa de la Organización Acadêmica**. México: Nueva Imagem, 1992.

CRUSOÉ, NILMA MARGARIDA. A Teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. In: **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004, p. 105-114.

DURKHEIM, Émile [1958 – 1917]. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2007. 535 p.

DURKHEIM, Émile. **Filosofia e Sociologia**. São Paulo: Ícone, 1994. 145p.

GATTI, A. Bernadete. Estudos quantitativos em educação. In: **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, 2004. p. 11-30.

KOCHE, Jose Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 16. ed. Petrópolis: Vozes , 1999. 180 p.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. Revista da Anped. São Paulo, n. 5-6, 1997.

MOREIRA, João Manuel. **Questionários: teoria e prática**. Lisboa: Almedina, 2004. 563 p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 404 p.

PASTOREAU, Michel. “Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval”. In: GIOVANNI, Levi & SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos jovens: da antiguidade à era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 245-261.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Saraiva, 1985. p. 234.

ROCHA, Maria Zélia Borba. Políticas Públicas e Acadêmicos: um caso de impacto. In: **Entre Escombros e Alternativas: Ensino Superior na América Latina**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 205-227.

SÁ, Celso Pereira. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19-43.

VIEGAS, Valdyr. **Fundamentos Lógicos da Metodologia Científica**. Brasília: UnB, 2007. 241 p.

## **PROJETO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

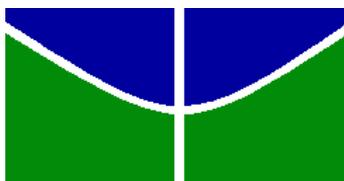
Após me graduar no curso de Pedagogia, pretendo dar prosseguimento à minha vida acadêmica, concorrendo à seleção de mestrado em educação, no entanto, ainda não decidi em quais universidades pleitearei a vaga.

Caso seja aceita na seleção, gostaria me dedicar ao estudo dos impactos do Plano de Restruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) durante o governo Lula, desenvolvendo uma pesquisa comparativa entre as instituições de ensino.

Ao término do mestrado, pretendo fazer doutorado e seguir carreira acadêmica, me tornando professora universitária.

## 4. Anexos

### 4.1 Questionário



**UnB- Universidade de Brasília**

**FE- Faculdade de Educação**

**Questionário – Acadêmicos**

Esta pesquisa está sendo feita com os estudantes da Universidade de Brasília. Sua resposta é **muito importante** para nós. Pedimos que seja **muito sincero (a)** ao responder. E, se possível, não deixe questões em branco. **Não** precisa assinar ou escrever seu nome. Fique tranquilo (a), ninguém saberá quem respondeu.

**Marque um X no item que corresponde a sua situação.**

01 – Sexo

- a.  Masculino
- b.  Feminino

02 – Idade

- a.  Menos de 15 anos
- b.  15 anos
- c.  16 anos
- d.  17 anos
- e.  18 anos
- f.  Mais de 18 anos

03 – Estado Civil

- a.  Solteiro (a)
- b.  Casado (a)
- c.  Viúvo (a)
- d.  Separado/Divorciado (a)
- e.  Amigado e/ou Juntado

04 – A sua cor ou raça é:

- a.  Branca
- b.  Negra
- c.  Amarela
- d.  Parda
- e.  Indígena

05 – Orientação Sexual

- a.  Heterossexualidade
- b.  Homossexualidade
- c.  Bissexualidade

06 - Quantos irmãos você tem? \_\_\_\_\_

07 – Quem mora com você? Marque quantos for necessário:

- a.  Pai
- b.  Mãe
- c.  avós
- d.  irmãos
- e.  Marido e/ou Esposa e/ou Companheiro (a) e/ou Namorado (a)
- f.  Filhos
- g.  padrasto
- h.  madrasta
- i.  Outros. Quais? \_\_\_\_\_

08 – Qual é o grau de escolaridade de sua mãe?

- a.  Pós-graduação Completa
- b.  Pós-Graduação Incompleta
- c.  Superior Completo
- d.  Superior Incompleto
- e.  Ensino Médio (2º grau) Completo
- f.  Ensino Médio (2º grau) Incompleto

- g. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Completo
- h. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Incompleto
- i. ( ) Não é alfabetizada

09 – Profissão da mãe: \_\_\_\_\_

10 – Qual é o grau de escolaridade de seu pai?

- a. ( ) Pós-graduação Completa
- b. ( ) Pós-Graduação Incompleta
- c. ( ) Superior Completo
- d. ( ) Superior Incompleto
- e. ( ) Ensino Médio (2º grau) Completo
- f. ( ) Ensino Médio (2º grau) Incompleto
- g. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Completo
- h. ( ) Ensino Fundamental (1º grau) Incompleto
- i. ( ) Não é alfabetizado

11 – Profissão do Pai: \_\_\_\_\_

12 – Qual a renda **mensal** da sua **família**?

- a. ( ) **Menos** de um salário mínimo por mês (R\$ 510,00)
- b. ( ) Exatamente um salário mínimo por mês = R\$ 510,00
- c. ( ) Mais de um e menos de dois salários mínimos por mês (de R\$ 510,00 a R\$ 1.020,00)
- d. ( ) Mais de dois e menos de quatro salários mínimos por mês (de R\$ 1.020,00 a R\$ 2.040,00)
- e. ( ) Mais de cinco salários mínimos por mês (R\$ 2.550,00)

13 – Você tem filhos?

- a. ( ) Sim
- b. ( ) Não

14 – Se você tem filhos, Quantos? \_\_\_\_\_

15 - Qual a sua religião? **Não** a de seus pais.

- a. ( ) Católica
- b. ( ) Evangélica. Qual? \_\_\_\_\_
- c. ( ) Espírita
- d. ( ) Religião de Origem Africana. Qual? \_\_\_\_\_
- e. ( ) Outra. Qual ? \_\_\_\_\_
- f. ( ) Não tem

- 16 – Em qual cidade você mora? \_\_\_\_\_
- 17 – A casa onde você mora é:
- a.  Própria
  - b.  Alugada
  - c.  Funcional (do trabalho)
  - d.  Cedida (de favor)
  - e.  Invasão (de invasão)
- 18 – A casa onde você mora é de:
- a.  Alvenaria (tijolo)
  - b.  Barraco
  - c.  Latão
  - d.  Lona
  - e.  Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- 19 - Quantos quartos tem em sua casa? \_\_\_\_\_
- 20 - Quantos carros tem sua família? \_\_\_\_\_
- 21 – Número de empregados em sua casa (babás, diaristas, domésticas):  
\_\_\_\_\_
- 22 – Escreva a quantidade de eletrodomésticos que tem em sua casa. Se você tem um, coloque o número 1, se tem dois, coloque o número 2 e assim por diante. SE você não tem em casa, coloque ZERO (00):
- a.  TV (canais abertos)
  - b.  TV a cabo (canais pagos)
  - c.  Computador
  - d.  Aspirador de pó
  - e.  Micro-ondas
  - f.  Impressora
  - g.  Máquina de lavar roupa
  - h.  DVD
  - i.  Banda Larga (aceso à internet)
- 23 - Você exerce alguma atividade remunerada?
- a.  Sim, tenho emprego.
  - b.  Sim, faço estágio.
  - c.  Sim, desenvolvo pesquisa.
  - d.  Sim, realizo trabalhos esporádicos.

- e. ( ) Sim, sou autônomo.
- f. ( ) Sim, outra Atividade. Qual? \_\_\_\_\_
- g. ( ) Não desenvolvo qualquer atividade remunerada.

24 - Se você exerce alguma atividade remunerada, qual a sua renda **pessoal**:

- a. ( ) **Menos** de um salário mínimo por mês (R\$ 510,00)
- b. ( ) Exatamente um salário mínimo por mês = R\$ 510,00
- c. ( ) Mais de um e menos de dois salários mínimos por mês (de R\$ 510,00 a R\$ 1.020,00)
- d. ( ) Mais de dois e menos de quatro salários mínimos por mês (de R\$ 1.020,00 a R\$ 2.040,00)
- e. ( ) Mais de cinco salários mínimos por mês (R\$ 2.550,00)

25 – Curso que faz na Universidade:

- a. ( ) Pedagogia
- b. ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

26 - Turno que estuda na Universidade

- a. ( ) Diurno
- b. ( ) Noturno
- c. ( ) Ambos

27 – Forma de Ingresso na Universidade:

- a. ( ) Vestibular
- b. ( ) PAS
- c. ( ) Cotas para negros
- d. ( ) Cotas para estudantes de escolas públicas
- e. ( ) Transferência Obrigatória (ex-ofício)
- f. ( ) Transferência Facultativa
- g. ( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

28 – Qual foi a sua 1ª opção no vestibular? \_\_\_\_\_

29 - Você recebe algum tipo de bolsa?

- a. ( ) Monitoria
- b. ( ) Iniciação Científica
- c. ( ) Pró-Docência
- d. ( ) REUNI
- e. ( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- f. ( ) Não tenho bolsa

30 – Sabe quais são as atividades de um professor universitário (acadêmico?)

a. ( ) Sim.

b. ( ) Não.

31 – Se respondeu **sim** à questão anterior, enumere as atividades que você sabe serem de atribuições de um acadêmico:

---

---

---

32 – Você acha certo algum professor ministrar aulas portando camisetas, botons ou adesivos de partidos políticos?

a. ( ) Sim

b. ( ) Não

c. ( ) Não sei.

33 – Se você respondeu SIM ou NÃO à resposta anterior, explique por que:

---

---

---

34. Seus professores universitários costumam emitir opiniões pessoais em sala de aula?

a. ( ) Sim, 100% deles

b. ( ) Sim, em torno de 70% a 90% deles

c. ( ) Sim, aproximadamente de 50% deles

d. ( ) Sim, entre 20% as 40% deles.

e. ( ) Não, nenhum dele.

35 – Você já ouviu opiniões positivas ou negativas de seus professores universitários sobre alguns desses assuntos abaixo? Marque um X na coluna positiva se a opinião que ouviu sobre esse tema foi positiva, se a opinião que ouviu foi negativa, marque um X na coluna negativa:

		POSITIVAS	NEGATIVAS
a.	Pessoas Comuns		
b.	Vida		
c.	Sexualidade		
d.	Religião		
e.	Política		
f.	Governo		

g.	Igrejas		
h.	Partidos		

	Políticos		
i.	Meios de Comunicação de Massa		
j.	Personagens Históricas		
k.	A própria Universidade		
l.	Faculdades Privadas		
m.	Políticos		

36 – Seus professores universitários já sugeriram em quem os alunos deviam votar?

- a. ( ) Sim
- b. ( ) Não
- c. ( ) Não me recordo

37 – Seus professores universitários exercem ou já exerceram alguma influência sobre sua participação política?

- a. ( ) Sim
- b. ( ) Não

38 – Se sim, de que forma?

---



---



---

39 – Você já participou de algum tipo de atividade política na universidade?

- a. ( ) Sim
- b. ( ) Não

40 – Se sim, qual? Assinale quantos for necessário.

- a. ( ) Assembleias
- b. ( ) DCE
- c. ( ) Centros Acadêmicos
- d. ( ) Votações
- e. ( ) Colegiados/Conselhos
- f. ( ) Comícios
- g. ( ) Manifestações
- h. ( ) Atividades de Extensão
- i. Outro. Qual? \_\_\_\_\_

41 – Algum professor universitário destacou-se dos demais para você?

a. ( ) Sim

b. ( ) Não

42 – Se você respondeu **sim** à questão anterior, explique **por que e como**:

---

---

---

43 - Você costuma considerar a opinião de seus professores universitários para tomar decisões em sua **vida pessoal**?

a. ( ) Frequentemente

b. ( ) Às vezes

c. ( ) Raramente

d. ( ) Nunca

44 - Você costuma considerar a opinião de seus professores universitários para tomar decisões em sua **vida profissional**?

a. ( ) Frequentemente

b. ( ) Às vezes

c. ( ) Raramente

d. ( ) Nunca

45 – **Como** você acha que seus professores universitários te influenciam?

a. ( ) Por meio de suas opiniões

b. ( ) Por meio de seus atos e atitudes

c. ( ) Por meio de seus conhecimentos

d. ( ) Não influenciam

e. ( ) Não sei

46 – Você sabe a diferença entre análise e opinião pessoal?

a. ( ) Sim

b. ( ) Não

47 – Se você respondeu **sim** à questão anterior, **explique**:

---

---

---

48 – Você sabe a diferença entre discussão política e doutrinação ideológica?

a. ( ) Sim

b. ( ) Não

49 – Se você respondeu **sim** à questão anterior, **explique**:

---

---

---